



Mulheres e o associativismo negro em Novo Hamburgo (RS)

Magna Lima Magalhães *

Claudia Schemes **

Resumo: O estudo tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre a participação e a contribuição das mulheres negras na Sociedade Cruzeiro do Sul, primeira associação negra fundada na região do Vale do Sinos, no ano de 1922. Para tanto, as reflexões respaldam-se principalmente nos depoimentos colhidos através da História Oral. Objetiva-se demonstrar a importância do papel das mulheres na organização de eventos, na captação de recursos e na articulação de laços de solidariedades, bem como na construção e na promoção de um espaço de sociabilidade para as famílias negras de Novo Hamburgo/RS.

Palavras-chave: Mulher negra. Sociabilidades. Associativismo.

Summary: This study aims to present some reflections on the participation and contributions of black women in the South Cross Society, first black association founded in the Vale do Sinos, in 1922. For this, the reflections are mainly based on testimonies collected through oral history. The objective is to demonstrate the importance of women's role in organizing events, fundraising and in the articulation of bonds of solidarity, well as in building and promoting a space of sociability for black families in Novo Hamburgo / RS.

Keywords: Black woman. Sociability. Associativism.

Introdução

* Doutora em História pela UNISINOS. Professora do Curso de Licenciatura em História e do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da FEEVALE.

** Doutora em História pela PUC/RS, docente permanente do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais da Universidade FEEVALE pesquisadora do grupo Cultura e Memória da Comunidade da mesma instituição.



Este artigo está inserido no conjunto de pesquisas desenvolvidas no grupo Cultura e Memória da Comunidade que desde 2004 dedica-se a estudar novas narrativas sobre a região do Vale do Rio dos Sinos e seus diferentes atores sociais. Nossa intenção é possibilitar uma leitura mais crítica sobre uma historiografia conservadora responsável por uma abordagem vinculada à imigração alemã e ao seu enaltecimento, visto que a região foi colonizada pelos alemães a partir do ano de 1824. Desta forma, a escrita sobre a história do Vale dos Sinos, no geral, tende a ser apresentada com um corte estabelecido a partir da chegada dos imigrantes.

Por muito tempo perdurou a visão marcada – histórica e identitariamente – pela influência da imigração europeia. Não diferente das produções historiográficas voltadas para outras regiões do estado sul-rio-grandense, há um vazio historiográfico em relação ao papel do negro na história do Vale do Rio dos Sinos, que somente há pouco tempo vem sendo preenchido com pesquisas históricas.

Neste sentido, o estudo ora apresentado objetiva pensar acerca da presença negra na cidade de Novo Hamburgo, mas especialmente sobre a atuação das mulheres vinculadas à Sociedade Cruzeiro do Sul. Objetivamos demonstrar o papel relevante que elas exerceram junto à associação, bem como trazer à tona a importância de suas ações para incentivar à integração e as sociabilidades das famílias negras moradoras da localidade.

Novo Hamburgo é uma das cidades que compõem o Vale do Rio dos Sinos (RS) e, durante o século XIX e início do século XX, pertenceu ao município de São Leopoldo. A cidade é um dos principais núcleos da imigração alemã no Brasil, sendo que os primeiros imigrantes chegaram à região no ano de 1824 e desembarcaram na antiga Real Feitoria do Linho Cânhamo que seria, mais tarde, a Colônia de São Leopoldo, hoje cidade de mesmo nome.

Nos primeiros anos do século XX Novo Hamburgo tinha sua economia centrada no setor coureiro-calçadista, contando com curtumes, selarias e fábricas de calçados que ali se desenvolveram, sendo que o distrito, a partir de sua emancipação em 1927, passou por um processo mais intenso de urbanização e industrialização (SCHEMES, 2006).

Desde a sua criação a cidade se dividiu, informalmente, em comunidades conforme a etnia dos seus moradores: o bairro de Hamburgo Velho era conhecido como o lugar dos “alemães”, já o bairro chamado de “Mistura” era um cinturão periférico



habitado por negros, mestiços e brancos, geralmente de origem não germânica e, finalmente, o bairro “África” que agregava a maioria dos negros. E, foi nos arrabaldes da cidade que se industrializava, mais especificamente no “África”, que no ano de 1922 foi fundado o primeiro clube negro do Vale do Sinos, o Sport Club Cruzeiro do Sul. A integração entre o clube e o bloco carnavalesco Os Leões, também formado por moradores do local, originou a Associação Esportiva, Beneficente e Cultural Cruzeiro do Sul.

Conforme Petrônio Domingues (2004):

O espírito associativo pode ser entendido como uma estratégia alternativa, tanto do ponto de vista racial quanto social, político, cultural, religiosos e psicossocial, empregada pelo grupo negro para compensar: em um primeiro momento, as atrocidades do cativeiro; e em um segundo momento, o seu processo de marginalização no pós-abolição (DOMINGUES, 2004, p.314).

Nas primeiras décadas do século XX, a população negra fez do associativismo uma resposta ao preconceito racial. Clubes e organizações proliferaram em diferentes regiões do Brasil, sendo mais perceptíveis nas capitais e centros urbanos. Nestes espaços, as mulheres tornavam-se responsáveis pelos departamentos e assuntos femininos (orientações sobre bom comportamento, beleza, higiene). Entretanto, apenas entre as décadas de 1920 e 1950 as mulheres negras articularam-se para criar suas próprias associações.

Em relação ao clube Cruzeiro do Sul, ao que tudo indica, a presença feminina também foi significativa e atuante. No entanto, a análise de suas atas, especialmente as correspondentes as décadas de 1940, 1950 e 1960 não apresentam nenhuma menção a presença feminina no escopo do texto ou mesmo nas assinaturas no final dos documentos. As atas oferecem uma leitura acerca das decisões da diretoria, eventos que seriam realizados, organização dos jogos de futebol, regras e normas voltadas aos integrantes da associação. Ao lermos os registros nos documentos poderíamos concluir, de forma rápida e simplista, que a associação constituía um espaço exclusivamente masculino.

Ao trabalharmos com uma fonte histórica visamos um diálogo profícuo e perseguimos cada indício e pista, (GINZBURG, 1990) no entanto, nem sempre as fontes estão dispostas a uma “troca” e se calam limitando-se a apresentar somente o silêncio ou distorções da realidade social, o que gera inquietações e impõe ao historiador, se não a



quebra das amarras do silêncio, ao menos o desafio de buscar outras fontes, as quais possam auxiliar na (re)constituição da história e sua complexidade. Posto que, fazer história “pode ser definido como um incessante processo de escape de uma resposta previamente definida, uma vez que fugir das certezas significa, em suma, assumir o caráter detetivesco do historiador” (MOTTA, 2012 p.29).

Partindo desta perspectiva lançamos mão da História Oral e da possibilidade de suscitar questões sobre a participação das mulheres na organização e na construção da Sociedade Cruzeiro do Sul. Neste sentido, nossas perspectivas e reflexões são elaboradas a partir do intermédio da memória dos informantes, as quais servem de norteadores para este estudo (FERREIRA, 2012).

O trabalho com História Oral “é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade” (ALBERTI, 2005, p.164).

Para este estudo selecionamos treze entrevistas (de um total de dezenove), sendo depoimentos de mulheres e homens que, junto com seus familiares, estabeleceram algum tipo de vínculo com integrantes e/ou fundadores da sociedade em estudo. Entendemos que as memórias são indicadores de história social da recordação (BURKE, 2000).

Contamos com os depoimentos de Nair Leopoldina de Oliveira; Darci da Silva; Adolfa Fernandes de Mello; Gladis Terezinha da Silva, Thereza Francis Duarte de Oliveira; Therezinha Alice Fernandes; Liége dos Santos, Dulce da Silva; Roza Antonia Oliveira da Silva, Waldomiro José Mello, Danilo Dorneles, Luis de Oliveira, Pedro Adão Marcelino.¹

Para Pollak (1989, p.9) a memória é uma operação coletiva dos fatos ocorridos e interpretados que se quer “salvaguardar” como objetivo de “definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades”. Neste sentido, para a reconstrução da memória operamos a partir de dados e noções comuns entre os

¹Os depoimentos cedidos estão acompanhados da carta de cessão. Destacamos que as depoentes Nair Leopoldina Oliveira e Darcy da Silva concederam mais de uma entrevista, bem como o senhor Danilo Dorneles. A depoente Roza Antonia O. da Silva, além de sua entrevista, colaborou conosco em diferentes momentos, principalmente através de conversas telefônicas. Neste estudo, optamos pela transcrição dos depoimentos respeitando a forma como foram gravados, salvo alguns ajustes que se fizeram necessário para um melhor entendimento do leitor.



depoentes, pois os mesmos fizeram parte de uma mesma sociedade e de um mesmo grupo.

O sentimento de pertencimento a um grupo, somado às lembranças de acontecimentos e sociabilidades, envolvendo amigos, familiares e vizinhos em momentos de convívio no Cruzeiro do Sul possibilitou visibilizar a presença negra e, especialmente, a atuação das mulheres negras.

A memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível e os eventos são lembrados à luz da experiência subsequente e das necessidades do presente (VILANOVA, 1994). Trazer à tona a presença feminina e o papel importante das mulheres, bem como os papéis assumidos junto à associação negra, é o objetivo maior deste artigo.

“Batendo o pé” e no comando

O fato das mulheres não estarem à frente da administração da associação não pode ser considerado uma situação atípica, já que a mulher das décadas de 1950 e 1960 ainda mantinha-se dentro de uma moral sexual forte e o seu trabalho era subsidiário ao trabalho do homem que se mantinha como o “chefe da família”. Além disso, em virtude do final da guerra (1939-1945), mesmo as brasileiras sofreram a influência de campanhas publicitárias estrangeiras incentivando a volta das mulheres ao lar, a fim de cuidar da casa, do marido e dos filhos. Essas mulheres também deveriam apresentar características que se pensavam intrínsecas a elas, como o instinto materno, a pureza, a resignação e a doçura (BASSANEZI, 2009).

No entanto, devemos levar em conta que as conquistas, os avanços e a própria conduta moral propagada como universal não atingia de forma homogênea as mulheres de grupos sociais distintos. Neste sentido, ao falarmos das mulheres negras devemos levar em conta os elementos históricos vinculados ao período pós-abolição. Conforme Bebel Nepomuceno (2012, p.385) “abolida a escravidão oficialmente, o preconceito racial adquire nuances, interpondo obstáculos sutis, mas eficazes, aos que sonhavam com a mobilidade social.” A autora ao discutir o tema trabalho e a mulher negra, menciona que

Entre as mulheres negras, acostumadas aos percalços da vida, não havia muito espaço para a imagem da esposa passiva, submissa ao marido e dedicada exclusivamente ao lar. A preocupação maior era que a mulher tivesse meios de obter uma fonte de renda e não ficasse



dependente economicamente do companheiro (NEPOMUCENO,2012, p.387).

A partir de 1930, no Brasil, as mulheres negras tiveram ocupações persistentes, “ao contrário do homem negro, que se tornou cada vez mais dependente da mulher negra, devido à impossibilidade de ganhar a vida de maneira segura, compensadora e constante (...)”(ARAÚJO, 2013, p.29). As mulheres conseguiram maior colocação no mercado de trabalho e atuaram como lavadeiras, quituteiras, empregadas domésticas.

Ao trabalharmos com as mulheres negras integrantes da Sociedade Cruzeiro do Sul, entendemos que elas exerciam o papel de articuladoras entre brancos e negros, fomentando a intersecção de diferentes mundos que transitavam de um para outro lado, em função de um código relevante para suas existências (VELHO, 1999).²A atividade de empregada doméstica propiciava, assim, a circulação em espaços distintos e favorecia negociações.³Muitas dessas mulheres eram vistas como “negras limpas, trabalhadoras e de bom comportamento”. Provavelmente, elas lançavam mão disso em momentos oportunos e convenientes como para a venda de cartões de chá e almoços ou na solicitação de doações. Tornavam as marcas raciais - “negras limpas e de bom comportamento”- elementos positivos para circulação em diferentes espaços e para amenizar tensões e estabelecer negociações.

Para Levi (2000),

Durante a vida de cada um aparecem, ciclicamente, problemas, incertezas, escolhas, enfim, uma política da vida cotidiana cujo centro e a utilização estratégica das normas sociais. Nos intervalos de sistemas normativos estáveis ou em formação, os grupos e as pessoas atuam com uma própria estratégia significativa capaz de deixar marcas duradouras na realidade política que, embora não sejam suficientes para impedir as formas de dominação, conseguem condicioná-las e modificá-las (LEVI, 2000, p.45).

Ao falarmos sobre o papel das mulheres na Sociedade Cruzeiro faz-se importante destacar o “elo” entre diferentes territórios, haja vista a atividade de empregada doméstica ter sido significativa entre as mulheres negras integrantes da associação. Para Barth (1998), o contato étnico inspira as afirmações e as (re)formulações das fronteiras, numa constante negociação. Nesse sentido, de acordo

²O autor, ao enfatizar o trânsito dos indivíduos em diferentes instâncias (trabalho, lazer, entre outros), com passagens quase imperceptíveis, aborda a intersecção de diferentes mundos a partir da leitura de Georg Simmel.

³ Com exceção de duas depoentes, todas as outras trabalharam como empregadas domésticas.



com o autor, as identidades étnicas são construídas através da interação dos grupos sociais, os quais estabelecem as diferenças entre “nós” e “eles”.

O fato de muitas das integrantes da sociedade Cruzeiro do Sul terem trabalhado para importantes famílias de Novo Hamburgo estabelecia a confiabilidade na qualidade e na preparação dos alimentos, na organização do evento e na limpeza das mulheres que prepararam a comida, afinal, eram negras limpas, todas empregadas domésticas. Assim, acionava-se a aceitação por parte da comunidade teuto-brasileira.

Nair Leopoldina ressalta que os eventos com “muita comida” revertiam na presença de muitos brancos. Justificava sua observação dizendo: “Eles sabiam que era tudo limpo” e complementava: “chá, mocotó, saladas, churrascos, tudo feito pelas empregadas”(Depoimento de Nair Leopoldina de Oliveira).

Darcy da Silva, uma das depoentes, lembra deter iniciado suas atividades como empregada doméstica aos quatorze anos para uma família de Porto Alegre. Aos quinze anos, segundo ela, retornou para Novo Hamburgo, após a morte de sua mãe, onde trabalhou por 12 ou 13 anos para uma única família da cidade, deixando o trabalho para casar.⁴

A busca por doações de objetos e acessórios (pratos, talheres, entre outros) para preparar os alimentos e a captação de recursos através do “Livro de Ouro” que registrava as doações recebidas em dinheiro eram responsabilidade das mulheres (Depoimento de Therezinha Francis Duarte de Oliveira)⁵. Além disso, as mulheres preparavam a “comida pesada” e os “petiscos” servidos nas festas, eram elas, “as esposas dos sócios”, que organizavam as festas. Também selecionavam e coordenavam as candidatas ao título de rainha do clube e se responsabilizavam pela organização do baile de debutantes.

As falas dos depoentes convergem no que diz respeito à ausência feminina nos quadros da diretoria do clube, ao menos nas décadas de 1940 e 1950, no entanto, percebe-se que nem sempre as decisões eram aceitas de forma tranquila por parte das mulheres.

⁴ Darcy da Silva, mulher negra, nascida em Novo Hamburgo, em 25 de agosto de 1923, no África (atual bairro Guarani), filha de João Fernandes (um dos fundadores da Cruzeiro do Sul), sua fala revela que seu pai possuía muitas terras no África e estas eram provenientes de herança do avô paterno, o qual recebeu terras dos senhores, em um tempo escravagista.

⁵ No depoimento de Adolfa de Mello, é mencionada a busca por doações junto ao comércio local, cita a Casa Cavasotto e a Casa Floriano. Para a solicitação, um ofício da Sociedade Cruzeiro do Sul era encaminhado e entregue aos comerciantes pelas integrantes da associação.



Nos depoimentos coletados há sempre alguma referência sobre a importância de Nair Leopoldina e de Ercília Mello (conhecida por “Filhinha”) na história da associação negra. Ambas são reconhecidas como responsáveis pela organização das primeiras festas do Cruzeiro, antes mesmo da construção da sede (década de 1950). Ao que tudo indica as mulheres e seus “dotes culinários” auxiliavam na arrecadação de fundos para a construção da sede social. Os alimentos preparados e vendidos por vó Nair chamavam a atenção, em especial dos moradores brancos de Novo Hamburgo.⁶

Nossas depoentes, ao serem questionadas da participação feminina nas reuniões de diretoria, informam que as mulheres se limitavam ao “seu canto”. Todavia, indicam que Nair Leopoldina (conhecida por vó Nair) e Filhinha “batiam o pé mesmo” e discordavam muitas vezes das decisões da diretoria masculina do clube. Provavelmente, a participação e a história de Nair e de Filhinha junto ao clube favoreciam uma postura crítica e de maior interferência. Também podemos inferir que as demais mulheres se faziam representar através daquelas que “batiam o pé” (Depoimento de Thereza Francis Duarte de Oliveira).⁷

A negociação passava pelo reconhecimento das diferenças. As trocas, as alianças, a interação em geral e mesmo os conflitos, “constituem a própria vida social através da experiência, da produção e do reconhecimento explícito ou implícito de interesses e valores diferentes” (VELHO, 1999, p.21).

Nair Leopoldina de Oliveira destacou-se como uma das organizadoras dos eventos promovidos pela Associação. Foi incentivadora de diferentes bailes, como, por exemplo, o “Baile das 24 estrelas”, no qual cada jovem representava um estado brasileiro. Também foi a responsável pelo “Baile das Rosas”. Neste, destacava-se a presença das jovens que desfilavam elegantemente com vestidos cor-de-rosa; era a noite de gala da renomada Sociedade Cruzeiro do Sul. Na sede social ocorriam os bailes com famílias negras de Novo Hamburgo e de outras cidades vizinhas.

Vó Nair informa que o número de participantes dos bailes era significativo, utilizando a expressão “enxurrada de gente” e acrescenta que as moças que participavam destes eventos integravam as famílias dos “morenos”. Elas deveriam ter

⁶Nair Leopoldina era filha de Sara Lara, mulher negra, filha de escrava e nascida no ano de 1874, em Dois Irmãos (RS). Sara Lara falava alemão e com cinco ou seis anos foi afastada de sua mãe que foi enviada para trabalhar com uma família de Porto Alegre. Ela trabalhou, depois de adulta, por muitos anos, como empregada doméstica para importantes famílias de Novo Hamburgo.

⁷O marido de dona Thereza foi presidente da associação.



alguma beleza e condições de vestir-se apropriadamente, sendo que a eleita representaria o clube e seus associados, portanto, necessariamente, deveria reunir elementos como beleza, algum conhecimento e condições de vestir-se bem, bem como ter uma conduta condizente para as moças de família. A eleição dos quesitos e a escolha das moças participantes dos eventos passavam pela avaliação das mulheres e a coordenação de Nair Leopoldina e Filhinha.

Na década de 1960 muitos dos bailes e festas da associação eram anunciados em notas sociais do jornal *O Hamburguês*:

Realizou-se sábado passado, em ambiente finíssimo, o Baile de Gala da simpática Sociedade Cruzeiro do Sul, para empossar sua nova rainha, Srta. Arlete Terezinha da Costa, sucessora da não menos graciosa Dirce Zeli Cardoso. A elegante festa denominou-se 'Baile da rainha'(...) Graciosas e elegantes senhorinhas deram um brilho todo especial à velada, pelos seus elegantes vestidos e a mais completa delicadesa com os presentes, em especial aos inúmeros visitantes do interior e da capital. Destacamos ainda as belíssimas princesas, Srtas. Gladis Mello, Maria Luiza de Oliveira e Jacira de Oliveira (Jornal O Hamburguês, 14/09/1963).

Para as festas deslocavam-se sujeitos negros de cidades próximas, como Montenegro e São Sebastião do Caí. “Eram bailes fantásticos (...) o rapaz vinha todo engomadinho (...). Vinha muito rapaz de Porto Alegre (...) tinha que tem bom comportamento (Depoimento de Gládis da Silva).⁸ Tinha muito luxo (...) tinha que estar bem vestida (...). Tinha baile de gala e baile de debutantes” (Depoimento de Liége dos Santos).⁹

Os bailes de debutantes,¹⁰ organizados pelas mulheres resultava em um momento cercado de *glamour*, posto que era o momento da apresentação das jovens à sociedade local e ao mundo adulto (GIACOMINI, 2006).

Thereza Francis Duarte de Oliveira lembra que o presidente da Associação se postava no meio do salão controlando os casais. “Ficava no meio da sala, não podia

⁸Gládisé filha de Adolfa de Mello.

⁹Liége nasceu em Caçapava do Sul e morou em diferentes cidades (Porto Alegre, Canoas, Esteio, Santos/SP, entre outros) antes de morar em Novo Hamburgo. Foi casada com Breno Mello, que foi jogador de futebol dos Santos em São Paulo. Breno Mello atuou no filme Orfeu do Carnaval que ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes em 1959 e o Oscar de melhor filme estrangeiro em 1960.

¹⁰Neusa Maria da Silva, filha de Rosa Antonia, debutou na Sociedade Cruzeiro do Sul. Também na sede da associação comemorou seu casamento com Renato Marcelino, morador de Canoas/RS. Rosa é mãe de Tânia Terezinha de Souza, primeira vereadora negra da cidade de Dois Irmãos/RS e atual prefeita da cidade.



dançar muito perto, quando tava dançando muito perto ele batia no ombro”. Luis Oliveira diz que “não podia ir maltrapilho, tinha que ir arrumado, não precisava luxo, mas sempre limpinho e direitinho”.

A importância dos bailes realizados na sociedade é registrada na fala do senhor Waldomiro Mello:

Quando a sociedade fazia um baile vinha gente de toda parte: de Montenegro, São Sebastião do Caí. Todo mundo queria estar no baile do Cruzeiro. É que na nossa sociedade era muito rigorosa na questão moral e de comportamento. O baile de debutante era famoso. Era só negra, não somente de Novo Hamburgo, vinham também de São Leopoldo, Canoas (...) todos mandavam os filhos debutar no Cruzeiro.

Pode-se perceber, a partir da fala do senhor Waldomiro Mello, a importância dos bailes para integração e socialização das famílias negras, não só de Novo Hamburgo como de outras cidades. Evidencia-se a importância do espaço da associação e a relevância do papel e das atividades realizadas pelas mulheres em prol da associação, conduzindo, organizando e coordenando toda a preparação de festas, jantares e bailes.

Outra lembrança que vem à tona e indica uma participação efetiva das mulheres, segundo Thereza Francis, eram as festas carnavalescas. Segundo a depoente, sua sogra, a Filhinha, na época do carnaval conseguia doação de tecidos e providenciava as alegorias e fantasias para a festa. As mulheres produziam as fantasias mais luxuosas e organizavam os participantes para irem em excursão para outras cidades com o objetivo de participarem das festividades carnavalescas em outros clubes de iguais. O evento propiciava, segundo a depoente, o deslocamento de representantes do Cruzeiro do Sul para outras associações, como o clube Gaúcho, de Caxias do Sul. Segundo ela os associados “faziam até lotação para ir lá”.

Notadamente, os depoimentos permitem destacar a significativa participação das mulheres e o papel relevante exercido por elas junto à Associação. Sociabilidades, integrações, momentos de encontros familiares, captação de doações e recursos para o clube nortearam as ações das mulheres, ao mesmo tempo elas fortaleciam os vínculos entre os iguais. Sob a influência difusa dessas mulheres e seus muitos poderes, as redes de relações eram constituídas e fortalecidas.

A partir de “fendas” no sistema social e lançando mão dos mecanismos possíveis, as mulheres negras integrantes da Sociedade Cruzeiro do Sul foram “capazes



de efetuar diferenças e deslocar as disposições do poder” (HALL, 2003, p.339).

Loner (1999), ao abordar o associativismo em Pelotas (RS) menciona que: “Cimentando todos esses clubes e associações, havia as mulheres negras, as quais mantiveram associações próprias, diferenciando-se das mulheres brancas, as quais, praticamente, nenhum papel desempenhavam na estrutura associativa de seus clubes (LONER, 1999, p.243-244).

Não encontramos nas atas da Sociedade Cruzeiro do Sul nenhuma menção das mulheres em sua diretoria, mas ao questionarmos o senhor Waldomiro Mello, presidente da associação por três gestões¹¹sobre a importância do papel feminino na associação, ele assevera o papel importante de Thereza Alice Fernandes, indicada por ele como uma importante secretária da Sociedade e elogiada por sua capacidade de organização, bem como a relevância de seu papel como mediadora de conhecimentos juntos às jovens das famílias integrantes do clube que frequentavam as aulas de “prendas domésticas” por ela organizadas.

Conforme Thereza, ela foi responsável pelas aulas de corte, costura e bordado, as quais ocorriam na sede social do Cruzeiro que acolhia as moças negras interessadas nos cursos.

As mulheres negras vinculadas à Sociedade Cruzeiro do Sul não fizeram parte de um texto escrito, de uma ata oficial, no entanto, suas práticas e ações fazem parte da memória viva que, ao ser acionada, traz à tona o papel relevante que elas tiveram na sociedade.

O trabalho com a História Oral é sempre permeado pela sensibilidade que nos permite perceber o orgulho de nossos depoentes de serem do “Cruzeirinho”, o orgulho de pertencerem a um espaço no qual grandes momentos foram festejados, com muita elegância e *glamour*, o orgulho de mulheres que ao “baterem o pé” posicionavam-se, articulavam-se e mostravam o quão eram importantes para a associação e para muitas famílias negras que encontravam na Cruzeiro do Sul um espaço realmente seu.

A elegância e a distinção demonstravam a capacidade da promoção de eventos à altura dos demais clubes da localidade teuto-brasileira. Além disso, promovia *status* aos

¹¹O senhor Waldomiro, pelo que tudo indica, foi presidente nos anos quarenta e nos anos sessenta. O depoente não conseguiu indicar as datas em que presidiu a diretoria da Associação. Em uma nota do jornal O Hamburguês, ele é indicado presidente no ano de 1965. Também em um certificado que atribui o título de presidente de honra a Álvaro Pacheco no ano de 1965 consta a assinatura da associação, sendo ela de Waldomiro José de Mello.



integrantes da diretoria do clube negro, especialmente frente às autoridades locais. Comportamento impecável, vestimentas adequadas, eventos permeados pela elegância configuravam indicadores do esforço dos dirigentes da Associação para constituir um diferencial para os negros do Cruzeiro do Sul, diferencial esse que as mulheres vinculadas a sociedade se esmeravam para seguir e fomentar através da organização de atividades e eventos.

A aparência constituía-se uma intervenção nas representações que se fazia sobre os negros. “O pessoal se esmerava para chegar aos bailes [do Cruzeiro]” (Depoimento de Thereza Alice Fernandes). A aparência “impecável” expressava uma oposição, uma contra representação, uma crítica social aos estigmas depreciativos por tanto tempo dirigidos aos indivíduos negros, seus comportamentos, suas sociabilidades, seus modos cotidianos.

A história da Sociedade Cruzeiro do Sul foi marcada por diversos aniversários, batizados, casamentos, entre outros. A sede acolhia os almoços de confraternização, as discussões e o lazer. Também serviu como pólo de coesão e integração de muitas famílias, solidificando laços de parentesco e incentivando uma rede de relações sociais que extrapolava as fronteiras de Novo Hamburgo e que certamente foi possível de concretizar-se devido ao papel fundamental das mulheres da Sociedade.

As mulheres negras vinculadas a associação Cruzeiro do Sul souberam usar com maestria os espaços e fendas existentes em um tessitura social marcada pela hierarquia da cor e do sexo. Foram protagonistas de em um espaço fundamental para os negros da cidade de Novo Hamburgo, tornando-se interlocutoras entre o “mundo dos brancos” e o “mundo dos negros”.

Considerações finais

A memória sobre a região do Vale do Rio dos Sinos enfatiza a “saga da imigração alemã”. As narrativas construídas e oficializadas privilegiam como agentes históricos responsáveis pelo desenvolvimento e pelo progresso da região os imigrantes alemães e seus descendentes e, em sua maioria, os discursos estão envoltos pela ideia do desenvolvimento econômico. No que concerne a Novo Hamburgo a representação foi construída e reforçada no cotidiano, principalmente a partir de sua emancipação.



Essa construção imaginária de uma sociedade industrial e do trabalho, evidentemente deixou excluídos, e a diversidade de grupos sociais e étnicos da comunidade não foi contemplada pela historiografia local.

Ao trabalharmos com os depoimentos de integrantes da Sociedade Cruzeiro do Sul partimos do princípio de que a constituição histórica da região do Vale dos Sinos e de Novo Hamburgo contou com diferentes atores sociais. Nosso intuito ao lançarmos mão da História Oral foi ampliar a possibilidade de interpretação e possibilitar a visibilidade da presença negra, bem como trazer à tona a importância da atuação das mulheres negras nas comemorações e nas festas que promoviam a integração e as relações sociais entre iguais.

Para tanto, os depoentes nos reportaram aos bailes, jantares e festas que simbolizavam com muito luxo e pompa a coesão e a organização negra local representada através do associativismo. O projeto de integração e de construção de um espaço para as sociabilidades negras através da Associação Cruzeiro do Sul teve seu resultado positivo em grande medida devido ao papel fundamental das mulheres, as quais estavam envolvidas em diferentes atividades, desde a preparação de alimentos, captação de recursos, organização de momentos de festividades, entre outros.

Ao trabalhar as percepções de cada depoente, despertamos a memória individual que, por sua vez, levou a um tempo compartilhado socialmente que reverteu na atribuição de um sentido de elementos que possuem significados individuais, mas também coletivos. A História Oral apresenta-se como um instrumento privilegiado no sentido de um olhar diferenciado que permite uma redefinição de posições e certezas essenciais à investigação histórica. Assim, ao suscitar questões proporciona o contato com as experiências e memórias coletivas e individuais, possibilita a construção de uma versão ignorada sobre o passado que nos permite pensar nos anonimatos, nos silêncios e nos esquecimentos como rastros a serem perseguidos como caminho de reflexão acerca da construção histórica local, da presença negra e especialmente das ações das mulheres negras e nas marcas duradouras deixadas por elas.

Quando analisamos as falas dos depoentes a noção de “pertencimento social” (NORA, 1993) aparece claramente, pois a busca do controle sobre a memória instituiu uma identidade a esses agentes sociais no sentido de gerar um lugar dentro de seu espaço cotidiano.



Nesse sentido, ao apresentarmos um pouco da sociabilidade negra, bem como a ação e papel das mulheres frente à organização de momentos de integração, também apresentamos um pouco das tensões e das incertezas que permeavam, não só a Sociedade Cruzeiro do Sul, mas o cotidiano de seus integrantes. Nossa intenção foi delinear uma possibilidade de leitura para que descortinemos as diferentes faces de uma história que ainda não foi desvelada totalmente.

Referências

ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.155-202.

_____. **Manual de História Oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARAUJO, Ariella S. A mulher negra no pós-abolição. **Revista da ABPN**, v.5, p.22-36, 2013.

BACKZO, B. A imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero. **Enciclopédia Einaudi**. v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

BURKE, Peter. **A História como memória social**. O Mundo como Teatro. Lisboa: Difel, 1992.

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998. p.185-227.

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, M. (org.); BASSANEZI, C. (coord. textos). **História das mulheres no Brasil**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada. Negro, racismo, e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: SENAC, 2004.

FERREIRA, Marieta de M. História Oral: velhas questões, novos desafios. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.) **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.169-186.

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma em festa**. Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O renascimento Clube. Belo Horizonte: Ed: UFMG, 2006.



GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Minas Gerais: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

Jornal **O Hamburgoês** (14/09/1963; 25/01/1964) Acervo do Arquivo Público de Novo Hamburgo-RS).

LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MAGALHÃES, Magna Lima. **Entre a preteza e a brancura brilha o cruzeiro do Sul Associativismo e identidade negra em uma localidade teuto-brasileira** (Novo Hamburgo-RS). 211 p. Tese (Doutorado em História). UNISINOS, 2010.

MOTTA, Márcia Maria M. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p.21-36.

NEPOMUCENO, Babel. Protagonismo Ignorado. In: PEDRO, Joana Maria; PINSKY, Carla B. (orgs.). **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p.382-409.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, p. 07-28, dezembro de 1993.

POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.2, n.3. p. 3-15, 1989.

SELBACH, Jeferson. **Pegadas Urbanas**. Novo Hamburgo como palco do *flâneur*. Cachoeira do Sul: Ed. Do autor, 2006.

SCHEMES, Claudia. **Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo**. (1901 - 1935). Porto Alegre. 2006. Tese (Doutorado em História) - PUCRS, 2006.

SIMMEL, Georg. **Ensaio sobre teoria da história**. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2011.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2003.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade-estatísticas e fontes orais. In: FERREIRA, Marieta de M.(org.) **História oral e multidisciplinaridade**. São Paulo: Diadorim, 1994.

FONTES ORAIS



ADOLFA FERNANDES DE MELLO. Depoimento concedido em 21/08/2004.

DARCY DA SILVA. Depoimento concedido em 05/06/2004, 15/07/2004 e 07/12/2006.

DULCE DA SILVA. Depoimento concedido em 03/04/2004.

GLADIS TEREZINHA DA SILVA. Depoimento concedido em 21/08/2004.

LIEGE DOS SANTOS. Depoimento concedido em 17/12/2005

LUIS DE OLIVEIRA. Depoimento concedido em 03/04/2004.

NAIR LEOPOLDINA DE OLIVEIRA. Depoimento concedido em 14/06/2003 e 21/06/2003.

PEDRO ADÃO MARCELINO. Depoimento concedido em 08/01/2005.

ROZA ANTONIA OLIVEIRA DA SILVA. Depoimento concedido em 15/09/2007.

THEREZINHA ALICE FERNANDES. Depoimento concedido em 10/11/2007.

THEREZA FRANCIS DUARTE DE OLIVEIRA. Depoimento concedido em 15/04/2004 e 17/07/2004.

WALDOMIRO JOSÉ DE MELLO. Depoimento concedido em 13/11/2004.

Recebido em 01 de Outubro de 2013.

Aprovado em 27 de Fevereiro de 2014.